

Thousand Currents

Enxergando através da ilusão do excepcionalismo americano

**Por Solomé Lemma, Diretora Executiva da Thousand
Currents**

Pouco mais de 24 horas se passaram desde que o mundo assistiu com horror como uma multidão cheia de ódio, incitada pelo presidente e seus apoiadores, invadiu o Capitólio em Washington, D.C. A representação simbólica da democracia americana foi sitiada e profanada em tempo real pelas mesmas pessoas que dizem amá-la. As suas ações violentas iluminaram o que muitos negros, indígenas e pessoas de cor já sabem há muito tempo: supremacistas brancos farão qualquer coisa pra manter o poder, mesmo quando essas ações destruírem instituições fundamentais deste país.

Apesar das imagens serem chocantes, eu não me surpreendi. Ontem foi a culminação de séculos de supremacia branca –genocídio, escravidão, Jim Crow, campos de concentração, a chamada guerra às drogas, encarceramento em massa– e quatro anos recentes de incitações incendiárias. Enquanto eu estava começando a sentir alegria com a escolha decisiva da Geórgia por eleger o primeiro senador negro e o primeiro senador judeu do Estado, através da organização liderada em grande parte por mulheres negras trabalhando em movimentos e coalizões, em vez disso me vi grudada na minha tela com nojo e raiva.

Eu testemunhei as falhas fundamentais na psique coletiva americana e o privilégio branco em perfeita exibição, em todas as suas formas. Da linguagem sanitizada à redução da escalação da polícia, ninguém poderia ignorar os direitos negados a nomes como Breonna Taylor, George Floyd, Tony McDade, ou outros incontáveis.

Eu ouvi um coro de uma mídia familiar denunciando os eventos com choque, proclamando que isto não é o que nós somos. Jake Tapper, da CNN, em conversa com correspondentes, declarou: "É surreal, eu sinto como se eu estivesse falando com um correspondente reportando de Bogotá". Ele não estava sozinho. Havia muitos influenciadores dizendo que isto é o que ocorre na América do Sul, África e no Oriente Médio; não na América. Para aqueles de nós que viemos de outros países ou trabalhamos globalmente, essas abordagens racistas e orientalistas não são uma novidade. Na verdade, entrei na filantropia precisamente para combater essas marcas prejudiciais e enganosas. Os setores sem fins lucrativos e filantrópicos acreditaram por muito tempo nas narrativas racistas de salvadores brancos, e no

Thousand Currents

falso senso de identidade, e isto é algo que a Thousand Currents trabalha pra desfazer e enfrentar todos os dias.

Ontem serviu como mais um lembrete sobre a profunda convicção de que a América é especial. Esta ideia do excepcionalismo americano sustenta que a América é a referência da democracia, que os Estados Unidos sozinhos sustentam a autoridade moral da liderança democrática global, e que o que ocorre em outros lugares não pode ocorrer aqui. Nossos líderes políticos, a nossa mídia, nossos colegas filantrópicos e até mesmo nossos próprios amigos e familiares acreditam neste mito e utilizam isto como um falso conforto quando a verdade é difícil de aguentar. O ex-presidente George W. Bush declarou: "É uma visão doentia e comovente. Isto é como as eleições são disputadas em uma república das bananas; não na nossa república democrática".

Estas proclamações perpetuam os danos causados pelo mito do excepcionalismo. Caracterizada pela instabilidade política e pela dependência econômica, uma "república das bananas" é, ironicamente, precisamente o que as corporações americanas fizeram intencionalmente para aniquilar a América Central nos últimos dois séculos. No entanto, aqui estamos hoje, incapazes de reconhecer que a cumplicidade dos EUA em plantar a violência pelo mundo, e aqui mesmo em casa. Os eventos de ontem são tão americanos quanto o seu legado de supremacia branca.

Insurreições, levantes e revoluções ocorreram no tempo e no espaço. Este mesmo país esteve envolvido em financiar regimes e na mudança de regimes, intervindo em conflitos, e intencionalmente trabalhando para desestabilizar países; tudo sobre o disfarce da democracia. De acordo com Dov Levin, Professor de Relações Internacionais na Universidade de Hong Kong, os [Estados Unidos intervieram em 81 eleições estrangeiras entre 1946 e 2000](#). Alguém realmente acreditou que as sementes do comportamento violento, antidemocrático que os americanos plantaram globalmente não seriam colhidos em nossas ruas? Ontem foi simplesmente a última representação de quem este país sempre foi: um lugar onde o privilégio branco é protegido e onde as regras são aplicadas diferentemente dependendo da cor de sua pele.

Os mitos americanos que nos falam sobre sermos melhores, diferentes e especiais não estão mais nos servindo. Eles protegem e preservam o poder e a opressão. Eles distorcem a verdade e obstruem a nossa capacidade de nos mostrar como parte de uma comunidade global. E eles são um ato incontestável de violência contra os povos negros e indígenas desta terra e também de muitos lugares no Sul Global que experimentaram a desestabilização, violência e conflitos liderados pelos EUA.

Thousand Currents

A democracia está sob ameaça em todos os lugares. Mas há motivos para esperança. No longo arco da história, foram as organizações populares e os movimentos sociais que trabalhavam por justiça e equidade que carregaram o manto de liderança e transformação democrática. Liderados pelas comunidades de linha de frente, os grupos populares estão trabalhando para proteger e preservar as mesmas liberdades que nós vemos sob ataque. Podem ter sido séculos desde que nós testemunhamos pela última vez algo como os eventos de ontem nos Estados Unidos, mas temo que seja apenas uma nova camada da crise democrática em curso neste país.

Agora mais do que nunca, eu me lembro de que a fragilidade das instituições e sistemas democráticos não conhecem exceções ou limites. Aqueles de nós que estão ao lado da justiça, da equidade, da dignidade e dos direitos necessitam de apertar os cintos e fazer a sua parte. Primeiro, desista da noção de que os americanos são excepcionais e diferentes. Segundo, desafie as narrativas racistas que elevam o excepcionalismo americano ao desenhar falsas comparações com o Sul Global. Terceiro, invista em comunidades de linha de frente que estão centralizando a liberação coletiva e o amor em seu trabalho de movimento nos EUA e no mundo.

O Norte Global necessita levar em conta nossa história racista e reconhecer que os guardiões da liberdade, democracia e igualdade são negros, indígenas e pessoas de cor nos EUA e em todo o mundo. De Norte a Sul, os movimentos sociais liderados pelas comunidades de linha de frente podem nos guiar através dessa crise geracional de ética e liderança. Nós devemos estar por trás dos movimentos BIPOC (negros, indígenas e pessoas de cor) neste país, e construir pontes de solidariedade com movimentos pelo mundo que trabalham com nossa liberdade coletiva.

Como uma fundação pública que apoia movimentos populares no Sul Global, a Thousand Currents tem a honra de realizar parcerias com aqueles que estão o poder a partir de baixo. À luz dos terríveis eventos de ontem, nós fortalecemos os nossos compromissos com os nossos parceiros de movimentos populares que entendem que a mudança requer a transformação interconectada de sistemas de opressão social, econômica e política. Nós continuaremos o nosso trabalho para promover conexões internacionalistas e um diálogo honesto que possa quebrar as barreiras das fronteiras e do excepcionalismo. Nossas lutas por direitos, justiça, equidade, democracia e liberdade são globais e estão interligadas. As nossas soluções também.

– Solomé Lemma, Diretora Executiva da Thousand Currents

Thousand Currents